



O LIVRO DIGITAL INTERATIVO E A SUBJETIVIDADE INFANTIL

THE INTERACTIVE DIGITAL BOOK AND CHILDREN'S SUBJECTIVITY

 Débora Necochea

Mestranda em Educação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP

São Paulo, SP – Brasil

debora.necochea@gmail.com

Resumo: O presente artigo apresenta um estudo sobre os livros digitais interativos infantis ou livros *app*. O objetivo é analisar as relações da leitura digital interativa com a subjetividade infantil. Este artigo é uma revisão bibliográfica e para o debate foram analisadas as propostas dos seguintes autores: Lev Semenovitch Vigotsky, Roger Chartier e Roxane Rojo. Vigotsky pondera sobre a relação da subjetividade e o pensamento infantil, Chartier apresenta a história do livro e a relação da leitura com a sociedade ocidental e Rojo discorre sobre a leitura nas telas e propõe uma pedagogia dos multiletramentos. Os resultados obtidos demonstram que a criança interage de diferentes maneiras com o livro *app* que vai além da leitura e da escrita, sendo um recurso possível de ser utilizado na escola no processo de alfabetização e letramento.

Palavras-chave: livro digital; literatura infantil; multiletramentos; subjetividade; escrita.

Abstract: This paper presents a study on the children's interactive digital books or eBooks. My objective is to analyze the relations between interactive digital reading and children's subjectivity. This article is a bibliographic review and for this debate it was analyzed the proposals of the following authors: Lev Semenovitch Vigotsky, Roger Chartier and Roxane Rojo. Vigotsky ponders the relation of subjectivity and children's thinking, Chartier presents the book's history and the relation between reading and Western society and Rojo discusses regarding reading on the screen and proposes a pedagogy of multiliteracies. The results obtained show that children interact in different ways with the eBook that goes beyond reading and writing and that it is a possible resource to be used in school in the process of literacy and initial reading instruction.

Keywords: digital book; children's literature; multiliteracies; subjectivity; writing.

Para citar – ABNT NBR 6023:2018

NECOCHEA, Débora. O livro digital interativo e a subjetividade infantil. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 285-298, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v22n2.22592>

1 Introdução

Atualmente é possível ler em diferentes suportes, seja por meios impressos ou digitais. Com o advento da internet, aparelhos celulares, tablets e computadores o leitor se depara com novos suportes e maneiras de interagir com a leitura.

As crianças se interessam pelos aparelhos eletrônicos, seja para se divertir ou aprender. Desta maneira, a leitura digital se faz presente na infância, não somente na leitura de *e-books*, como também de livros digitais interativos. Esses livros estão disponíveis em lojas virtuais dos sistemas operacionais de aparelhos celulares e tablets.

Neste artigo será analisado o livro interativo que será tratado como livro *app Leo, o leão* que foi desenvolvido pela *Truth and Tales*. O objetivo da plataforma é criar histórias interativas que desenvolvam a empatia. Assim, este artigo se dedica em examinar os tipos de interações que o livro *app*; proporciona e quais as relações psicológicas e educacionais que essa leitura promove.

2 Metodologia

A metodologia adotada é de caráter bibliográfico, em que foram analisados textos que versam sobre o tema, tanto impressos quanto digitais. (GIL,2022). Desta maneira, para melhor compreensão do assunto proposto, a pesquisa fundamentou-se em livros, artigos, *blogs* e *sites*.

A pesquisa foi desenvolvida à luz dos autores Lev Semenovitch Vigotsky que analisa e explica as características psicológicas envolvidas na escrita, leitura e interação social e de como isso se aplica na educação; Roger Chartier que apresenta a história do livro e seu impacto na sociedade ocidental e na escola e Roxane Rojo que pondera sobre as mídias digitais contemporâneas e salienta a importância dos multiletramentos na sociedade atual.

Na perspectiva deste artigo analisa-se as relações que os livros *apps* infantis proporcionam à subjetividade infantil. Sendo a proposta desse tipo de livro ampliar a interação do leitor com o texto.

Assim, a primeira parte do trabalho apresenta os suportes de leitura, sob a perspectiva de Roger Chartier, que expõe os diferentes modos de leitura na sociedade ocidental, desde o *volumen* até as telas. Também são analisadas as características do *eBook* e do livro digital ou livro *app*., como surgiram e suas especificidades. Por fim, a apresentação e análise do livro *app. Leo, o leão*.

Em um segundo momento sob os estudos de Roxane Rojo, é apresentado e discutido a importância de uma pedagogia dos multiletramentos, bem como seu uso nas escolas.

Em terceiro momento é exposto o conceito de subjetividade e fundamentada na psicologia

de Vigostsky e analisado o livro *app. Leo, o leão* e as implicações da interação do livro com o desenvolvimento cognitivo infantil.

Os resultados obtidos demonstraram que o livro *app*, promove interações diversas do leitor com a tela, que permite que a criança expresse sua subjetividade, ou seja, sua individualidade por meio de sua relação com o livro, e que também possibilita o desenvolvimento cognitivo, pois a história apresenta diversos momentos de reflexão e empatia.

Da mesma forma, foi observado que a leitura colabora para a alfabetização e letramento, e que os multiletramentos se fazem necessários para que as crianças além de compreender o funcionamento das mídias digitais, com sua criatividade e subjetividade possam criar meios para conquistarem seus objetivos e solucionarem seus problemas. Que as crianças podem escrever a sua história.

“Se aquele que escreve está disposto a pagar o preço de se perder para se reencontrar em seu próprio texto, a escrita pode transformar tudo, inclusive o ser humano”. (RIOLFI, 2006, p. 101).

3 Suportes de leitura: do impresso ao digital

Ao se refletir sobre a leitura, se evoca o livro e a escrita, assim é necessário apresentar a perspectiva histórica do livro, do *volumen* a tela. E sua relevância na sociedade ocidental. “[...] a leitura, e particularmente o livro, tinham ainda outra função: a da conservação do texto.” (CAVALLO; CHARTIER, p.10). Os autores destacam que a escrita está a trabalho de uma cultura oral, já que a escrita preserva o texto.

Além da preservação do texto, a escrita atinge um maior número de pessoas e assim essa tecnologia foi o ponto central na organização e manutenção de nossa cultura, também é importante salientar que a escrita tem autoridade e efeito de lei. (RIOLFI, 2006).

O surgimento da escrita e a sua evolução

“está estreitamente ligada à organização das sociedades mais complexas, nas quais as necessidades administrativas e econômicas supõem uma perenidade da documentação, ultrapassando o estado da oralidade” (BARBIER, 2008, p. 27).

Assim a escrita torna-se essencial para a organização das sociedades, bem como a criação de um alfabeto. Conforme Barbier (2008) os povos desenvolveram seus alfabetos, como uma forma da letra representar o som da fala, cada povo criou seu sistema de escrita e seu próprio alfabeto.

Com a invenção do alfabeto, torna-se possível o advento do livro. “O livro propriamente dito é na Antiguidade clássica, um *volumen* (ou *rotulus*), ou seja, um rolo.” (BARBIER, 2008, p. 33).

O volumen era confeccionado com tiras de papiro. Os livros eram manuscritos e reproduzidos por um copista. Conforme Barbier (2008) a leitura do papiro era semelhante à leitura no computador, já que o texto se desenrola diante dos olhos do leitor.

Após o *volumen*, surge na Baixa Antiguidade o *codex*, que é um livro dobrado e encadernado. A propagação do *codex*, ocorre nos séculos III e IV, as palavras são escritas em pele de carneiro. (BARBIER, 2008).

No século XV Gutemberg inventa a imprensa, o que muda o modo de produção dos livros e foi um importante meio para a Reforma Protestante, pois com a imprensa Lutero distribuía seus pensamentos em folhetos de papel escritos. Entre 1530-1540 na Europa com a redução dos custos do livro, as bibliotecas se ampliam. (CAVALLO; CHARTIER, 1999).

Lutero preocupava-se de dispor a Bíblia em língua vernácula, para que as famílias protestantes lessem em suas casas.

“O protestantismo – como desdobramento de seus próprios postulados – requeria a instrução. A Bíblia, trazendo a palavra de Deus, deveria ser de leitura comum. Todavia não existia escola para as crianças, e as escolas eram essenciais para a formação do leitor. Nesse sentido, os reformadores favoreceram claramente a cultura letrada.” (BOTO, 2017, p. 104).

Assim, a Reforma Protestante e o advento da imprensa contribuíram para a cultura letrada e a alfabetização.

Atualmente além dos livros e textos impressos, dispomos de outro suporte de escrita e leitura.

[...] “a imprensa”, que possibilitava a impressão de inúmeros exemplares de livros didáticos em pouco tempo, apresenta-se hoje em dia como uma nova forma de tecnologia, que parece a todos um modo fácil, rápido e eficiente no meio digital: o computador.” (SANTOS, 2008, p. 137).

A imprensa contribuiu com a disseminação de diversos tipos de textos, entre eles o livro didático, contudo, atualmente a escola dispõe de outros suportes para o ensino. E os leitores de novos suportes e maneiras de ler e interagir com o escrito. Com a internet e os textos digitais, alguns leitores, não utilizam mais o papel, leem e escrevem em seus computadores. (CHARTIER, 1998). Também se altera o acesso aos livros:

“A biblioteca eletrônica permite, por sua vez, compartilhar aquilo que até agora era oferecido apenas em espaços onde o leitor e o livro deveriam necessariamente estar juntos. O lugar do texto e do leitor podem então estar separados.” (CHARTIER, 1998, p.119).

Assim o leitor, pode sem sair de sua casa, ler livros de bibliotecas virtuais, até mesmo adquirir livros virtuais. Porém, mesmo com a mudança de suporte de leitura, a escrita continua com a função de preservar pensamentos e ideias. Desta forma, deve-se assegurar a durabilidade do escrito, seja na forma eletrônica ou impressa. (CHARTIER, 1998).

A leitura oferece um repertório para a escrita e a escrita expressa sentimentos e emoções. O homem tem um corpo, e o seu mal-estar se escreve no corpo, como por exemplo em forma de doenças. Assim o indivíduo ao escrever, pode transformar uma experiência ruim em outra coisa. (LACAN, 2003). Portanto, a escrita é essencial para nos comunicarmos e para expressar os sentimentos em palavras, também cura e alivia as dores da alma dos indivíduos.

3.1 O eBook e o livro – aplicativo

O livro eletrônico conhecido como *eBook* surgiu:

[...] em 1971, um estudante da Universidade de Illinois com acesso a um computador Xerox Sigma inicia o que seria conhecido depois como Projeto Gutenberg. Michael Hart começava a digitalizar, arquivar e distribuir livros [...] fato que em certo consenso geral marca o nascimento do primeiro livro eletrônico, o primeiro e-book. (FLATSCHART, 2014, n.p).

Assim o primeiro *eBook* foi criado com a digitalização de um texto que antes era impresso. Quanto a definição de “*E-book* é um livro, mas é lido em vários dispositivos, como computadores, tablets, smartphones, *e-readers* e outros.” (FLATSCHART, 2014, n.p). O *eBook* também tem características próprias, ao clicar em uma palavra desconhecida, o leitor é direcionado a uma tela com o seu significado, esse tipo de livro não tem páginas numeradas e sim apresenta a porcentagem lida. Para ler um *eBook* é necessário ter um meio de suporte, um *e-Reader* ou até mesmo no computador através de um aplicativo de leitura como o *Kindle*.

Ao ponderar sobre o livro digital ou livro *app*, Flatschart (2014) argumenta que o livro digital, bem como todo o mundo digital é um *software* que com recursos extras, expande o seu poder de comunicação. Logo o *eBook* é um livro que possui algumas características que se diferem do livro impresso, já o livro *app*, é um *software* que dispõe de recursos diversos, como animação de imagens, sons e interação do leitor.

“O mercado de livros infantis e o de produtos didáticos são sempre pródigos em livros-aplicativo que exploram recursos interativos apoiados em estratégias como storytelling, transmedia e gamification, que buscam dar vida própria ao conteúdo e propiciar novas experiências sensoriais ao leitor.” (FLATSCHART, 2014, n.p).

Assim, o livro *app* possibilita novas sensações com a leitura, sendo utilizado tanto na literatura infantil, quanto nos livros didáticos. Esses aplicativos são processados em *tablets* e *smartphones*, que a cada vez mais, fazem parte do cotidiano da população. (FLATSCHART, 2014).

Portanto, a leitura se altera diante dos novos suportes digitais, bem como a escrita, seja *eBook* ou um livro *app*:

“À noção de relevância da escrita que hoje temos, baseada em sensibilidade, criatividade e originalidade, começam a ser incorporados conceitos de interatividade, manipulação e coautoria[...].” (FLATSCHART, 2014, n.p).

O *eBook* e o livro *app*., bem como o livro impresso, com os seus escritos proporcionam o contato com o texto, aflora pensamentos e sentimentos, e quando é feita uma leitura crítica, que se desenvolve pela escola com os professores é capaz de fazer com que o leitor se descubra autor de sua vida e de suas escolhas.

“Com ele podemos inventar histórias, escrever sonhos, transmitir sentimentos, relatar fatos, comentar o cotidiano, apresentar o real e o imaginário que nos leva a observar o universal, o humano.” (SANTOS, 2008, p.138).

Assim, além de se pensar no suporte de leitura, deve se refletir sobre a leitura e a escrita e de como os professores podem fazer com que seus alunos conquistem a leitura e a escrita críticas.

3.2 Livro *app*: *Leo, o leão*

O livro *app*. *Leo, o leão* é uma história, escrita com rimas, ela é lida por um narrador e à medida que é narrada as palavras faladas são destacadas, desta forma a criança percebe a pronúncia e a escrita de cada uma. “[...] atenção ao som das palavras, por meio de jogos de rimas, aliterações (consciência fonológica) [...]”. (SOARES, 2020, p. 72). A autora ao propor atividades para alfabetização recomenda o jogo com rimas, uma vez que a escrita com rimas possibilita a percepção dos sons semelhantes no final das palavras.

A leitura destacada remete a leitura no papel marcada com o dedo, que de acordo com Belintane (2013) é uma leitura conferida, uma maneira de fixação da relação grafema-fonema, denominado pelo autor de alienação. Salienta que a boa leitura, acontece além das relações grafema-fonema, se constitui por compreender o sentido nessas relações.

“Trata-se da dialética da alienação e separação, ou seja, é necessário passar pela letra, pelo som, mas numa dinâmica de desprendimento e captação do essencial.” (BELINTANE, 2013, p.57).

Portanto, de acordo com o autor a leitura conferida e a construção de sentido são essenciais para o processo de alfabetização e letramento. No caso do livro analisado, o recurso de marcar as palavras, desenvolve alfabetização, pois assim a criança entende que se lê da esquerda para a direita e de cima para baixo, bem como as relações grafema-fonema. A construção de sentido ocorre ao longo do texto, com o desfecho da história.

Durante a leitura do livro, o narrador imita o rugido de um leão, assim o leitor ouve como é o rugido quando é reproduzido por um humano; o narrador explica que esse som é como os leões falam e que se o leitor fosse um leão entenderia o que é dito.

[...] o aspecto emocional não esgota a função da linguagem no chimpanzé, e isto também não representa uma particularidade exclusiva da linguagem dos antropóides; também assemelha a sua linguagem à linguagem de muitas outras espécies animais, constituindo ainda uma raiz genética indubitável da função correspondente da fala humana. A linguagem não é só uma reação expressivo-emocional, mas também um meio de contato psicológico com semelhantes. (VIGOTSKY, 2000, pp. 126-127).

No trecho Vigotsky (2000) discorre sobre a linguagem dos antropóides e de outras espécies animais, e que essa linguagem é uma maneira de se comunicar com os outros animais da mesma espécie, que assim como os humanos se expressam com a linguagem. Portanto, quando no livro o narrador imita o rugido do leão e diz que é assim que eles falam, é observado que esse rugido é a fala do leão e que é entendido somente por outros leões. Deste modo, a criança compreende que os animais também têm sua própria linguagem e maneira de se comunicar. E essa proposição é apresentada em outros momentos da história.

Durante a leitura é executada uma música:

“Em toda parte - na fonética, na morfologia, no léxico e na semântica, até mesmo no ritmo, na métrica e na música - as categorias gramaticais ou formais escondem categorias psicológicas.” (VIGOTSKY, 2000, p. 415).

A música provoca uma resposta psicológica que culmina na imagem da savana, com seus sons e paisagens. Também são exibidos botões para a criança tocar, para que se continue a história.

A história é sobre um leão que vive em uma savana e descobre que as flores, ao serem tocadas emitem um som. Neste momento ao balançar o celular ou *tablet*, o leão ruge, porém desta vez é um rugido de um leão real e na tela é apresentado o botão sobre as flores e cada uma tem um som diferente. Assim, a criança não fica imóvel somente lendo as letras, ela interage com movimento e ouve os sons que são apresentados.

[...] que se pluralize a palavra letramento e se reconheça que diferentes tecnologias de escrita criam diferentes letramentos. [...] para designar diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo – não só a palavra escrita, mas também a comunicação visual, auditiva, espacial. (SOARES, 2002, p.155).

As diferentes interações possíveis com o livro *app.*, corrobora com o excerto, no qual a autora diz que a interação com o mundo ocorre de diversas formas e a comunicação não se dá somente pela escrita. Assim, a história ao apresentar às crianças sons, imagens e movimentos, contribui para que o leitor adquira letramentos, pois além da palavra escrita, ela interage com o livro com outros sentidos, o que muda a maneira com a qual o leitor se relaciona com o texto.

Leo quis contar aos outros animais da savana que as flores emitiam sons, porém ele rugiu e os outros animais que não entendiam a sua língua correram assustados, e os outros animais ao verem eles correndo, correram também. Ou seja, sem saber o motivo dos primeiros animais estarem assustados, os outros também se assustaram, por pressentir perigo. O mesmo acontece com os humanos, uma vez, que falamos com o corpo.

Conforme Weil; Tompakow (2015) o homem fala com o corpo, com suas expressões, gestos e emoções. Na história *Leo, o leão*, os animais assim como os humanos se comunicam por suas emoções ao sentirem medo e fugirem, expressam aos outros animais que todos estão em perigo. Assim, a narrativa explora a comunicação por sentimentos e provoca a interação da criança pela empatia com as personagens.

Ao presenciar os animais em fuga, Leo se pergunta se estão fugindo dele e conclui que são tolos por sentirem medo e como está sedento, resolve procurar água. Ao encontrar um lago, se aproxima para beber, porém vê sua imagem refletida na água e sente medo, pois pensa que no lago há outro leão. O narrador explica que o reflexo é a imagem (do próprio leão) invertida.

Leo pensa que no lago tem outro leão que não quer que ele beba a água do lago, então ele ruge para a água, e os animais que estavam escondidos, assistem o leão rugindo para água em vez de beber, e perguntam a Leo o motivo dele estar rugindo para a água, neste momento a comunicação entre diferentes espécies de animais acontece. Leo diz que está assustado, já que o outro leão parece ser muito perigoso. Ao que uma borboleta, diz que não há o que temer, porque ele está vendo apenas a sua imagem refletida na água. Quando os animais percebem que o leão ruge para a água pois está com medo, o diálogo se estabelece, eles percebem o outro e isso transforma a subjetividade, por meio da experiência em grupo.

Neste momento é preciso que o leitor imite um leão, ao que é medido a intensidade do som que a criança emite, se for muito baixo é preciso tentar novamente, se é alto, se escuta o rugido de um leão real, e a história prossegue. Na sequência o leão com medo e tremendo, bebe a água.

Novamente o corpo fala, uma vez que ao tremer se nota que Leo está com medo. Ao beber, ele vê o seu reflexo e entende que não há outro leão. Ao que o Leo ri e conta aos outros animais que o reflexo não é a mesma coisa que as coisas reais.

O livro *app. Leo, o leão* possibilita outras interações nas telas de atividades, em um certo momento o leitor pode se tornar um leão, com a câmera do suporte de leitura (celular ou *tablet*), a face de um leão (desenho) se sobrepõe ao rosto do leitor, com o objetivo da criança se imaginar e se ver como um leão. O leitor também interage, escolhendo as cenas que mais gostou, colorindo desenhos com o tema da história e com exercícios físicos.

Assim, o livro *app* oferece possibilidades de interação além da leitura, com estímulos visuais, sonoros e físicos. Além disso há recursos para que a criança se imagine na história e que com sua subjetividade, é possível criar e recriar a história, de maneira única e pessoal. Embora a criança não exerça a escrita ela conta a história com o seu corpo e com as suas sensações.

4 Multiletramentos

Se na sociedade há interações entre diferentes culturas e se utiliza diversos recursos digitais. É essencial que as crianças e jovens sejam letrados para lidar com essa realidade. Conforme Rojo (2012) em 1996 um grupo de pesquisadores de letramentos, conhecidos como Grupo de Nova Londres (GNL), publicaram um manifesto que declarava que a escola necessitava de uma nova pedagogia que contemplasse os novos letramentos.

Diferentemente do conceito de letramentos(múltiplos), que não se faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos - é bom enfatizar - aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p.13).

A pedagogia dos multiletramentos além de considerar as novas tecnologias da informação, também leva em conta as diferentes culturas existentes na sala de aula e na sociedade. De acordo com Freitas (2010), o letramento digital são as competências necessárias para que o indivíduo utilize de maneira crítica e estratégica os diferentes modos de informação para atingir seus objetivos que por vezes são compartilhados socialmente e culturalmente.

Lemke (2010) pondera que é necessário um letramento informático, que vai além de saber fazer e utilizar as multimídias, é preciso saber categorizar e localizar as informações necessárias ao indivíduo, é imprescindível um pensamento crítico. Salienta que:

Sem todas estas habilidades, os futuros cidadãos estarão tão “desempoderados” quanto aqueles que hoje não escrevem, leem ou usam a biblioteca. Estas são as habilidades necessárias para nossos letramentos futuros, aquelas de que todos nós precisaremos. (LEMKE, 2010, p. 464)

Assim, a pedagogia dos multiletramentos propõe que na escola os alunos aprendam a utilizar as mídias e seus recursos, a selecionar as informações verdadeiras e relevantes.

A escola deve formar os letrados digitais:

Ser letrado digital inclui, além do conhecimento funcional sobre o uso da tecnologia possibilitada pelo computador, um conhecimento crítico desse uso. Assim, tornar-se digitalmente letrado significa aprender um novo tipo de discurso e, por vezes, assemelha-se até a aprender outra língua. (FREITAS, 2010, p.338).

A fim de se formar os letrados digitais, a escola deve refletir sobre como incluir os multiletramentos na sala de aula. Rojo (2012) afirma que os multiletramentos compreendem diversas linguagens, que os textos além de interativos são colaborativos, que transpõe relações de poder e são híbridos (culturas, modos e linguagens). Por serem interativas, as novas mídias, dependem da ação e interação humana.

Por depender da relação entre humanos, as novas mídias podem ser educativas.

“[...] as abordagens educativas que tiveram sua origem na teoria vigotskyana concebem a aprendizagem como um fenômeno que se realiza somente quando há oportunidade de interação de um sujeito com o outro. (RIOLFI, 2006, p. 77).

Conforme Vigotsky a criança para adquirir conhecimento depende da interação com o adulto. Na interação entre pessoas o aprendizado é alcançado e o homem se desenvolve psicologicamente, essa interação ocorre pela palavra, pela linguagem. (RIOLFI, 2006). Portanto, uma educação fundamentada nos multiletramentos é desejada, pois a criança estará em interação entre pessoas, utilizando uma mídia como ferramenta e as linguagens para se relacionar com diferentes culturas. Essas linguagens midiáticas abrangem as imagens, os sons, os vídeos, a escrito e a leitura. O modo de ler também é diferente, pois existem os hipertextos que fazem conexões entre diferentes escritos.

A escola pode utilizar como ferramenta equipamentos que o aluno já conhece:

“Em vez de impedir/disciplinar o uso do “internetês” na internet (e fora dela), posso investigar por que e como esse modo de se expressar por escrito funciona. Em vez de proibir o celular em sala de aula, posso usá-lo para a comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia.” (ROJO, 2012, p. 27).

No excerto a autora afirma que é possível ensinar com a pedagogia dos multiletramentos,

orientar a novos conhecimentos de modo colaborativo entre alunos e as mídias digitais.

Uma outra forma de se usar os multiletramentos em sala de aula é preparar os alunos para lerem em diferentes mídias, em múltiplos suportes, proporcionar o contato dos alunos com diversos gêneros de textos, apresentar a eles os espaços de circulação dos textos, para que o aluno aprenda a escrever, ler e se expressar nessas mídias. (LORENZI; PÁDUA, 2012).

Os multiletramentos e a interação com o outro é uma relação dialógica.

A concepção dialógica contém a ideia de relatividade da autoria individual e consequentemente o destaque do caráter coletivo, social da produção de ideias e textos. O próprio humano é um intertexto, não existe isolado sua experiência de vida se tece, entrecruza-se e interpenetra com o outro. (LUKIANCHUKI, 2005, p.71).

De acordo com a autora, o ser humano por ser social, suas experiências e sua relação com o mundo atravessam o outro, o indivíduo é influenciado pelo meio, mas como é criativo se volta para o meio a fim de transformá-lo. Esse diálogo não ocorre somente entre a fala de duas pessoas, há um diálogo interno do indivíduo consigo mesmo e o diálogo com os livros.

Nos multiletramentos o dialogismo ocorre entre as diferentes mídias e o indivíduo, por isso é essencial que nas escolas seja inserida a pedagogia dos multiletramentos, com o intuito de promover a interação entre os indivíduos e as diferentes linguagens que as mídias utilizam, para que os alunos possam agir sobre essas mídias e modificá-las.

5 A subjetividade

Durante a leitura o leitor dispõe de sua subjetividade para compreender o texto e interagir com ele. Portanto é necessário entender o que é subjetividade.

De acordo com Carrasco (2021) a subjetividade é composta por qualidades e características individuais de cada pessoa, bem como seu modo de ser, de pensar e de agir. A subjetividade está em constante desenvolvimento, uma vez que é construída socialmente e ela muda de acordo com as experiências do indivíduo. Assim, não é possível pensar em subjetividade sem pensar a relação com o outro.

Riolfi (2006) ao analisar a tese de Vigotsky afirma que para ele o ser humano é constituído por sua relação com o outro social. A sociedade exige certa maneira de falar e se expressar e em casos extremos até mesmo o que se deve pensar, conclui que a cultura não é separada do homem, na verdade a partir de um processo histórico passa a fazer parte da natureza humana.

Vigotsky (2000) ao citar Piaget e sua teoria do pensamento infantil, diz que primeiro o pensamento da criança se desenvolve na subjetividade, dos seus desejos e caprichos. Portanto,

como a criança ainda está construindo suas experiências e suas relações com o outro, sua subjetividade ocorre primeiro mediante as suas necessidades. Assim, o livro *app* analisado contribui para construir experiências, uma vez que apresenta os sentimentos e reações do leão e dos outros animais, com isso a criança percebe o outro na relação com o mundo, que se deve considerar o pensamento do outro para compreender suas ações. Conforme Vigotsky (2000) além de compreender a ação por meio do pensamento do outro é necessário compreender o motivo do outro pensar de certa maneira.

5.1 O leitor e a interação com o escrito

Eco; Carrière (2010) apresentam que cada leitura é modificada de acordo com as experiências do leitor, o mesmo livro lido em momentos distintos será apropriado pelo leitor de maneira diferente, pois ao ler o indivíduo se atenta a elementos no texto que mais representam o momento que está vivendo e a sua experiência acumulada. Ou seja, durante a leitura o leitor também é um autor, uma vez que reescreve suas leituras conforme sua subjetividade.

Conforme Piaget, nas crianças a interação com a leitura ocorre de acordo com o estágio de seu desenvolvimento, para isso elas precisam de estímulo e responderão a esse estímulo quando a sua estrutura intelectual estiver desenvolvida para apresentar a resposta. O mesmo ocorre durante o processo educativo, a criança adquire os conhecimentos pela linguagem, mas ela só irá assimilar de acordo com o desenvolvimento de seu pensamento. (FERRACIOLI, 1999).

A leitura é um importante meio para a aquisição da escrita, pois ao ler e ouvir histórias ela compreende que com a escrita, é possível construir histórias, expressar seus pensamentos, suas experiências e emoções. Esse estímulo é essencial para a educação. (SOARES, 2020). A leitura também desenvolve repertório e a criatividade para que o aluno possa desenvolver a sua própria escrita, numa relação subjetiva e dialógica de si com o mundo.

6 Considerações finais

As ações dos indivíduos são constituídas de subjetividade, essa subjetividade é construída de acordo com as vivências de cada um. É de acordo com a subjetividade que o pensamento de cada sujeito é constituído. Porém, a subjetividade é influenciada pela sociedade e as relações familiares, ou seja, é construída na relação individual com o meio e sua cultura, bem como suas crenças.

A leitura e a escrita são maneiras de se comunicar com o meio e expressar suas emoções, a leitura realizada em livros impressos ou em *eBooks*; oferecem um tipo semelhante de interação entre o leitor e a obra. A leitura em livro *app*, amplia essas interações já que oferece estímulos: visuais,

táteis, auditivos e físicos. Todavia tanto a escrita e leitura em suportes de papel, quanto em mídias digitais são de suma relevância para a alfabetização e letramento, já que possibilita o diálogo da criança com o mundo. E oferece instrumentos de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo.

Assim, o presente artigo analisou as maneiras de interação com o livro *app*, de explorar sua relação com o pensamento e a subjetividade infantil e de como as escolas, professores, pais e responsáveis podem se apropriar desse novo suporte de leitura e aprendizado.

Referências

- BARBIER, Frédéric. *História do livro*. São Paulo: Paulistana, 2008. 474 p.
- BELINTANE, Claudemir. *Oralidade e alfabetização: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento*. São Paulo: Cortez, 2013. 223p.
- BOTO, Carlota. *A liturgia escolar na idade moderna*. Campinas, Papirus, 2017. 319 p.
- CARRASCO, Bruno. *O que é subjetividade? Ex-isto*. 8 fev. 2021. Disponível em: <https://www.ex-isto.com/2021/02/subjetividade.html>. Acesso em 19 jul. 2021.
- CARRIÈRE, Jean-Claude; ECO, Umberto. *Não contem com o fim do livro*. Rio de Janeiro, Record, 2010. 269 p.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. volume I. São Paulo: Ática, 1998. 232 p.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. volume II. São Paulo: Ática, 1999. 248 p.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998. 160 p.
- EXPLOT. APPS for kids wellness and education. *Histórias infantis Truth and Tales*. Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.explot.gouda&hl=pt_BR&gl=US. Data de acesso: 01.jul.2022.
- FERRACIOLI, Laercio. *Aprendizagem, desenvolvimento e conhecimento na obra de Jean Piaget: uma análise do processo de ensino-aprendizagem em Ciências*. RBEP. v. 80 n. 194, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.80i194.1001>. Acesso em 01 jul 2022.
- FLATSCHART, Fábio. 2014. *Livro Digital etc*. [Digital Kobo]. Rio de Janeiro: Brasport. Não pag.
- FREITAS, Maria Teresa. *Letramento digital e formação de professores*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.26, n.03, p.335-352, dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000300017>. Acesso em 18 jul. 2022.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 7 ed. Barueri: Atlas. 186 p.

- LACAN, J. (1976 a). *Joyce, o Sintoma*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003. 608 p.
- LEMKE, Jay L. *Letramento metamidiático: transformando significados e mídias*. *Trab.Ling.Aplic.*, Campinas, 49(2), Jul./Dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132010000200009>. Acesso em 18 jul. 2022.
- LORENZI, Gislaine C. Correr; PÁDUA, Tainá – Rekã W. de. In: ALMEIDA, Eduardo; ROJO, Roxane (orgs). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012. Cap. 2, p. 35-53.
- LUKIANCHUKI, Cláudia. Dialogismo: a linguagem verbal como exercício do social. In: RI
- OLFI, Claudia Rosa. *Linguagem e Pensamento*. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2006.p.71-72. 132 p.
- RIOLFI, Claudia Rosa. *Linguagem e Pensamento*. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2006.132p.
- ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos. In: ALMEIDA, Eduardo; ROJO, Roxane (orgs). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012. Cap. 1, p.11-31.
- SANTOS, Gislene A Silva. *O livro: a solução do problema*. Cadernos de Pós-Graduação – Educação, São Paulo, v. 7, p. 133-138, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v7n0.1917>. Acesso em 01 jul. 2022.
- SOARES, M. *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.
- SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008100008>. Acesso em 02 jul. 2022.
- TRUTH AND TALES - *Sabedoria Real no mundo digital*. Disponível em: <https://truthandles.app/pt/> acesso em 11 de julho de 2022.
- VIGOTSKY, Lev Semenovich. *As raízes genéticas do pensamento e da linguagem*. In: A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 2000. 496 p.
- WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal*. 74. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 288 p.